

Encontros

Três eventos seguidos, quase simultâneos, representavam o ritmo intenso e acelerado daquela noite. Três convites que Ana aceitou impulsivamente e não queria perder. Ela nem teve tempo de olhar no relógio para saber o quanto estaria atrasada para o encontro seguinte mas, sem pensar nas variáveis, simplesmente seguiu com o cronograma. Colocou na cabeça o pensamento de que era possível cumprir com os combinados e comparecer onde deveria estar, portanto agiu em automático durante o tempo todo. O fim de um encontro significava que já estava a caminho do próximo lugar.

O segundo compromisso era uma festa de despedida de uma pessoa que Ana nem sabia quem era. Aceitou porque o convite feito na hora veio de uma amiga mais próxima, e parecia uma boa oportunidade para conhecer pessoas novas. Automático. Em um prédio muito antigo, predominantemente cinza, com marcas de pisações, elas entraram no elevador que lentamente as levava para o último andar. Ainda alguns degraus depois e se encontravam em um ambiente inesperado. Pessoas tão diferentes e interessantes, porém distantes. Era difícil se sentir parte daquele núcleo.

Aquela noite fazia um frio de 15° e ninguém havia avisado que a festa seria na cobertura de um prédio. Céu aberto e vento forte. No meio da maioria de desconhecidos e de olhares intrigantes, Ana foi aos poucos se afastando dos outros e se aproximando de si. No alto de um dos prédios mais altos que dava para ver ao redor, o tempo parou. Ali mesmo, olhando a rua sem carros e a calçada sem pedestres, ela pôde ter um momento de respiro sem nem ao menos perceber que era o que precisava. Ganhou esses segundos para involuntariamente reconhecer a noite como personagem fixo daquele momento. Pensou que a escuridão é a mesma de sempre, nada difere uma noite da outra, a não ser a maneira como ela escolhe a enxergar. E naquele momento ela estava diferente. Viva. Existia.

Foram só alguns minutos, mas necessários para fazer valer a pena tudo o que estava acontecendo antes e depois. Como se a percepção do tempo fizesse com que Ana se sentisse inteiramente ali, e não com a cabeça em outro lugar. O restante ganhou significado. Saíram para o último evento da noite e Ana sentia a mente mais calma. Não queria pensar no que faria depois, e nem precisava. O final daquele sábado tumultuado acabou em uma sala cheia de pessoas que provavelmente não tinham a mesma noção do tempo presente. Para Ana foi tudo muito rápido. Mas foi real.